



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 06/01/2017

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Retracción en las compras mantiene estable el mercado de hacienda.....	2
Exportaciones de carnes bovinas aumentaron en diciembre pero bajaron en 2016.....	2
Brasil aumentó ventas de cortes Hilton y podría cumplir su cupo.....	2
Brasil con escasa presencia en el mercado estadounidense.....	3
ABIEC : Proyecta que Brasil exportará 7% más de carne vacuna en 2017.....	3
Faena de bovinos sería la menor desde 2003.....	4
<b>URUGUAY</b> .....	<b>4</b>
Lluvias mejoran la posición de la oferta y precios suben.....	4
Uruguay exportó en 2016 el mayor volumen de carne vacuna en 10 años.....	5
Exportación en pie, cuota 481 y el clima sostuvieron a la ganadería en 2016.....	5
Stock bovino récord y cuota exportadora en suspenso.....	7
Cuota 481 gobierno analiza diferendo EEUU-UE y una posible renegociación.....	8
Embarques de carne para Cuota 481 aumentaron un 30%.....	9
Uruguay se posicionó como segundo proveedor de carne vacuna a Europa.....	9
Uruguay exportó en pie 283.817 vacunos durante el año 2016.....	10
Uruguay acordó con China protocolo sanitario para exportar ganado en pie de razas carniceras.....	12
Faena bovina de 2016 superó las 2,266 millones de cabezas.....	12
INAC prevé un 2017 con precios similares y consumo de carnes en ascenso.....	12
Ven con cautela inicio de la vigencia del nuevo decreto de dressing.....	14
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>14</b>
Nuevos destinos para carne suman 22, pero el hato ganadero bajó 10%.....	14
CPC: Destacan mejor posicionamiento.....	15
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>15</b>
Nueva fase en la disputa por hormonas con la UE.....	15
Reimpondrían derechos compensatorios que se había dejado de lado por un acuerdo suscripto en 2009.....	15
NCBA expresó su beneplácito por la decisión.....	16
<b>AUSTRALIA</b> .....	<b>16</b>
Exportadores optimistas sobre 2017.....	16
Mejora posicionamiento en CHINA por vigencia del TLC.....	17
INDONESIA: OMC falló a favor de EE.UU. y NUEVA ZELANDIA.....	18
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>19</b>
Minerva invertirá en ARGENTINA.....	19
Marfrig cerró establecimiento en RGS (Brasil).....	19
Nuevo frigorífico de JBS en Paraguay quedó habilitado para exportar carne vacuna a Rusia.....	20



## **BRASIL**

### **Retracción en las compras mantiene estable el mercado de hacienda**

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2017 - Passado o início da semana, que foi marcado pela lentidão nos negócios, o mercado do boi gordo começa a ter maiores movimentações.

A diminuição das negociações no final do ano passado ainda é sentida por parte das indústrias frigoríficas, que tiveram suas escalas encurtadas.

Entretanto, devido ao baixo escoamento, típico de início de ano, não há necessidade de intensificar as compras e os preços estão estáveis na grande maioria das regiões.

Por outro lado, já se nota uma pressão de baixa nos estados onde as ofertas de boiadas estão maiores. Porém, há dificuldade para fechar negócios.

Nova movimentação foi registrada no mercado atacadista de carne bovina com osso. O boi castrado de animais castrados está cotado em R\$9,60/kg.

### **Exportaciones de carnes bovinas aumentaron en diciembre pero bajaron en 2016**

Fonte: ABIEC, adaptada pela Equipe BeefPoint. 04/01/17 As exportações brasileiras de carne bovina in natura tiveram um incremento no último mês de 2016, se comparado com novembro. Segundo dados divulgados pela SECEX (Secretaria de Comércio Exterior), somente na categoria de carne in natura, o Brasil exportou 87,2 mil toneladas, com faturamento de US\$ 366 milhões, em dezembro último. De acordo com a ABIEC (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne), o aumento foi de 15% em volume e 9% em faturamento, em relação ao resultado prévio do mês anterior (novembro de 2016). O país que mais importou carne bovina in natura brasileira foi a China com 15 mil toneladas.

\*Os dados apresentados são uma prévia das exportações. O balanço consolidado das exportações de todas as categorias de carne bovina brasileira – in natura, industrializada, miúdos, triplas e salgadas – será divulgado em breve pela ABIEC.

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 06/01/17 As exportações brasileiras totais de carne bovina in natura e processada caíram no acumulado de 2016 em comparação com o ano anterior, em volume e em receita. Conforme dados do Ministério da Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), compilados pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), foram embarcadas 1,350 milhão de toneladas, 1% menos ante as 1,361 milhão de toneladas em 2015. Em receita, o recuo foi de 8%, de US\$ 5,795 bilhões para US\$ 5,340 bilhões.

Em 2014, as exportações foram recorde, com 1,575 milhão de toneladas e receita de US\$ 7,149 bilhões.

Para 2017, a associação se diz otimista, com novos mercados, retorno de antigos clientes e uma ação agressiva das empresas brasileiras, com o câmbio mais favorável. A entidade cita, ainda, a forte demanda chinesa e afirma que tem “mais de uma dezena” de associados em processo de habilitação para vendas ao país asiático.

A China, incluindo Hong Kong, foi o principal cliente do Brasil de carne bovina em 2016, com 449.969 toneladas, que renderam US\$ 1,709 bilhão. Com isso, o país asiático concentrou 33,3% das vendas brasileiras, em comparação com uma participação de 26,6% em 2015.

04/01/2017 La facturación generada por las ventas de carne vacuna brasileña fresca cayeron 6,8% en 2016 comparadas con las generadas un año antes, posicionándose en US\$ 4.300 millones, según información divulgada por el Ministerio de Industria, Comercio Exterior y Servicios de Brasil.

La baja anual en la facturación era esperada por las entidades representativas del sector, como consecuencia de la menor demanda desde mercados que son fundamentales para Brasil, como es el caso de Rusia, Venezuela, Irán y Egipto que son habituales compradores de carne bovina fresca brasileña.

Solamente en el pasado mes de diciembre, las exportaciones brasileñas del producto sumaron US\$ 366 millones, quedando 15,4% por debajo de las registradas en diciembre de 2015. Medidas en volumen alcanzaron 87,6 mil toneladas, lo que marca una reducción de 16% respecto a diciembre de 2015.

A la baja en las ventas de carne vacuna fresca hay que sumarle un descenso de 4,6% en carne aviar y un incremento de 15,4% en las exportaciones de carne de cerdo, de la mano de nuevos mercados, según datos de la Asociación Brasileña de Proteína Animal (ABPA).

### **Brasil aumentó ventas de cortes Hilton y podría cumplir su cupo**

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 20/12/16 O Brasil está ampliando as vendas de carne bovina de maior qualidade para a União Europeia.



Na safra 2010/11, o Brasil preencheu apenas 4,5% da chamada “cota Hilton”, destinada aos europeus. No período 2015/16, o país vendeu 93% do volume total dessa cota, que é composta por produto de maior qualidade e melhor preço.

Neste ano (2016/17), deverão ser preenchidos os 100% das 10 mil toneladas, acredita Antônio Camardelli, presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec).

Nos primeiros meses do período, o país preencheu 53% do total, conforme dados da Abiec.

As exportações de carne bovina “in natura” deste mês devem ultrapassar as de novembro, superando 80 mil toneladas, conforme dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

### **Brasil con escasa presencia en el mercado estadounidense**

20/12/16 - por Equipe BeefPoint A exportação de carne “in natura” para os Estados Unidos, que somente neste ano foi liberada pelo Departamento Agricultura dos EUA (USDA), ainda não deslançou.

A presença do Brasil no mercado norte-americano mostra, no entanto, que a cota de importação liberada pelos EUA está sendo preenchida em percentual maior do que foi no ano passado.

O Brasil não tem uma cota específica –divide com outros países o volume anual de 64,81 mil toneladas. Em 2015, os países pertencentes a esse grupo preencheram apenas 68% da cota total. Neste ano, com a presença do Brasil, o percentual já atingiu 74% até o dia 12 deste mês, conforme dados do governo dos EUA.

Após a liberação de importação pelos norte-americanos, os brasileiros exportaram 556 toneladas de carne bovina (congelada, fresca ou refrigerada). Em média, o valor da carne é de US\$ 3.927 por tonelada. Alguns lotes (poucos), no entanto, chegaram a US\$ 11,8 mil por tonelada. Nesse total não se incluem as exportações brasileiras de carne industrializada.

Antônio Camardelli, presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), acredita que o primeiro semestre de 2017 ainda será um período de exportação contida para os norte-americanos. Os pecuaristas dos EUA colocarão um número maior de vacas para o abate, elevando a oferta de matéria-prima no mercado.

No segundo semestre, as exportações podem dar uma “esquentada”, acredita ele. Camardelli diz também que o país tem chances de ir além da exportação de matéria-prima e ocupar ainda alguns nichos de carne “premium” no mercado norte-americano.

O avanço da presença da carne brasileira nos Estados Unidos depende também de um conhecimento maior daquele mercado pelas indústrias brasileiras.

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pels Equipe BeefPoint. 04/01/17

O Brasil não tem uma cota específica como Austrália, Argentina e Uruguai, para exportar carne fresca bovina para os Estados Unidos, mas está incluído em um grupo denominado “outros”, onde estão listados vários países. Esse grupo completou apenas 76,5% da cota que tinha direito de exportações para os Estados Unidos no ano passado.

O volume liberado pelos Estados Unidos com taxas favoráveis de importação para esse grupo é de 64,8 mil toneladas. Desse volume, apenas 49,6 mil toneladas foram enviadas para o mercado norte-americano no ano passado. O volume que supera as cotas tem tarifas mais elevadas de importação.

A Austrália, que tem uma cota de 378 mil toneladas, exportou 418 mil toneladas em 2015. No mesmo período, o Uruguai enviou 39 mil toneladas, apesar de ter uma cota de 20 mil toneladas.

A Argentina, com uma cota de 20 mil toneladas, há muitos anos não exporta para o mercado norte-americano, podendo retomar o comércio neste ano.

A notícia de que os países pertencentes ao grupo do Brasil não têm carne suficiente para completar a cota pode significar uma abertura maior do mercado dos EUA para os brasileiros.

No entanto, até 2013, os Estados Unidos tinham saldo positivo na balança comercial de carne bovina. A partir de 2014, sentiram os efeitos da redução do rebanho e da seca dos anos anteriores. O resultado foi uma escassez de carne.

A partir deste ano, a oferta interna de carnes melhorará. Os dados divulgados na semana passada pelo Usda (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) indicam que novembro foi um período recorde de produção, com 2,04 milhões de toneladas de carne vermelha produzidas, atingindo 20,9 milhões de janeiro a novembro, 4% mais do que em igual período anterior.

### **ABIEC : Proyecta que Brasil exportará 7% más de carne vacuna en 2017**

15/12/2016 - Para 2016 se proyectaron 1.400.000 toneladas; se prevé 100.000 toneladas más para el año entrante.

La Asociación Brasileña de Industrias Exportadoras de Carne (Abiec) proyectó las expectativas de exportaciones de carne vacuna hacia 2017, y según lo expresado por Rafael Tardáguila en Valor Agregado en Carve, las ubicó en 1,5 millones de toneladas, “lo cual implicaría un aumento relativamente moderado de 7% respecto a lo que se preveía para este año”.



A su vez, se espera un aumento en el ingreso de divisas de los exportadores brasileños, “levemente por encima del 9%, lo que equivale a 6.000 millones de dólares”, señaló. Esto implicaría “una moderada mejora en el valor medio de exportación respecto a lo que se está estimando para este año”.

En opinión del analista, Brasil apunta a mercados que en estos momentos nos diferencian, uno de ellos es la cuota 481, donde “han manifestado su interés de ingresar. También tiene bajo la mira a Corea y Japón”, indicó.

Es importante tener en cuenta que Brasil en este año “no ha logrado cumplir, por una amplia diferencia, con las expectativas de exportación de Abiec del año pasado”. Según Tardáguila, la razón es bastante lógica porque “si se tiene en cuenta que el período en el que se hicieron esas proyecciones, a esta altura del 2015, el precio del real era bien distinto al que se ubicó después”. En sentido, expresó que los números exportación cambiaron mucho a partir de esa valorización de la moneda y con “la consecuente reducción de la competitividad de los exportadores respecto al mercado interno”.

Otro factor importante es que la oferta de ganado en Brasil es relativamente escasa. Tardáguila dijo que eso seguramente se va revertir de forma parcial o moderada a partir del año que viene y es lo que factiblemente “está haciendo o llevando a la Abiec a proyectar exportaciones levemente superiores para el año que viene”.

### **Faena de bovinos sería la menor desde 2003**

Fonte: Estadão, adaptada pela Equipe BeefPoint. 03/01/17 A crise econômica reduziu o consumo de carne bovina no País em 2016, o que deve fazer com que o número de abate de bovinos no ano seja o menor dos últimos 13 anos, segundo levantamento da consultoria AgriFatto.

“Chegamos aos menores níveis de abate desde 2003, quando registrou-se 33,2 milhões de cabeças abatidas, entre números oficiais, consumo informal e consumo nas propriedades rurais”, afirma a consultora da casa Lygia Pimentel. Em 2016, a Agrifatto registrou um número parcial de 35 milhões.

Em relação a apenas o terceiro trimestre de 2016, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou, em dezembro, que os produtores brasileiros abateram 7,32 milhões de cabeças de bovinos no terceiro trimestre de 2016, quedas de 4,1% em relação ao trimestre imediatamente anterior e de 3,5% sobre o terceiro trimestre de 2015.

Para Pimentel, as dificuldades econômicas influenciaram diretamente o consumo de carne bovina. Com o comprometimento da renda do brasileiro houve forte substituição da proteína pela carne de frango, que é mais barata. Além disso, a queda do consumo pressionou os preços no atacado, mas a oferta ainda restrita por conta do ciclo pecuário manteve o preço do boi alto.

“Isso acabou com a margem da indústria, que teve de escolher entre um prejuízo enorme com o processamento da carne ou um prejuízo menor com o custo fixo de plantas paralisadas”, diz Lygia em relatório, lembrando que em 2015 a Agrifatto contabilizou o fechamento de 43 plantas e outras 5 em 2016 (sendo a última em Alegrete, RS, da Marfrig).

A análise pondera que, por outro lado, de 2003 para hoje, houve mudanças relativas à carcaça bovina. A média ponderada de 16,47 arrobas por animal abatido em 2016 apresenta melhora de 7,3% em relação às 15,35 arrobas médias registradas em 2003. De toda forma, a produção de carne bovina caiu para 8,5 milhões de toneladas equivalente carcaça. “Um bom recuo que deve começar a reverter a partir de 2017”.

## **URUGUAY**

### **Lluvias mejoran la posición de la oferta y precios suben**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Enero 6, 2017 Productores con ganado pronto para faena esperan que el precio llegue a US\$ 3 por kilo a la carne

Con la oferta de haciendas para faena mejor posicionada luego de las lluvias, y la demanda necesitada de ganado, esta semana los precios tuvieron un repunte. Las cuadrillas kosher están trabajando y la industria frigorífica está ávida de ganado, con entradas cortas, alrededor de una semana luego de pactados los negocios.

La referencia del novillo es US\$ 2,85 por kilo en cuarta balanza, pero por los mejores lotes y con flete corto se obtienen US\$ 2,90. Los productores que cuentan con ganado pronto esperan que el precio alcance US\$ 3,00 por kilo. Los precios de las vacas se mueven en el eje de US\$ 2,65 por kilo, con máximos de US\$ 2,70; y las vaquillonas cotizan entre US\$ 2,75 a US\$ 2,78 por kilo.

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), en su reunión del lunes informó que debido a la menor oferta y con la demanda sostenida hubo una adecuación de los valores. El precio del novillo subió 2,14% a US\$ 2,87 por kilo, la vaca aumentó 3,17% hasta US\$ 2,60 y la vaquillona se ubicó en US\$ 2,72, luego de una suba de 0,74%.



En tanto en la carne ovina, los consignatarios resaltaron que se dificulta la colocación del cordero mamón, que no tiene referencia de precios. El cordero se mantuvo en US\$ 3,40 por kilo, el cordero pesado bajó 0,29% a US\$ 3,39 y la oveja sigue con el mismo precio US\$ 2,83.

En la reposición, por el tradicional período de vacaciones en las primeras semanas del año, se realizan pocos negocios. Las referencias de la ACG para los terneros hasta 140 kilos aumentaron 0,47% a US\$ 2,15 por kilo, los de 140 a 180 kilos subieron 1,46% a US\$ 2,08, y los de más de 180 kilos subieron 5,38% a US\$ 1,95 por kilo.

Se destaca una nueva corriente de negocios, terneros enteros para la exportación, con precio y entrega fijado a futuro –de hoy a febrero–, con posibilidad de solicitar adelantos. El precio de referencia es US\$ 2,20 por kilo, libre para el productor. ACG para esta categoría de terneros enteros de más de 160 kilos subió la referencia 0,47% a US\$ 2,15 por kilo.

Este año el país cierra con récord de exportación de ganado en pie. El principal destino es Turquía. En el mes de diciembre el Ministerio de Agricultura y Pesca (MGAP), reportó la exportación de 10 mil terneras a ese país.

Los novillos alcanzaron a 16.300 cabezas, una caída de 28% y 50% superior en la comparación interanual.

La faena anual trepó a 2,26 millones de cabezas, la mayor desde 2009. Las vacas faenadas fueron 1,14 millones, 50,2% del total; y los novillos 1,081 millones de cabezas (47,7%). La faena de novillos luego de superar el millón en 2004, permanece estable; no ha logrado superar la cifra de 1,1 millones.

En ovinos, la faena semanal tuvo una caída de 27% hasta 30.602 lanares. Los corderos cayeron 27% en la semana hasta 25.078 cabezas, 35% más en la comparación interanual.

El precio por tonelada de carne exportada en la semana hasta el 31 de diciembre alcanzó US\$ 3.462. El precio acumulado anual por tonelada de carne exportada fue US\$ 3.399, 10,2% menos en la comparación interanual, que fue de US\$ 3.787.

El volumen exportado, 433,6 mil toneladas, creció 12,1%, lo cual compensó el ingreso ante la caída de precios. Es la mayor cantidad exportada desde el año 2006, cuando registró 483,76 mil toneladas.

El precio de exportación de la tonelada de carne ovina en la semana llegó a US\$ 4.203. En el acumulado anual el precio del producto alcanzó US\$ 4.191 por tonelada, 9,2% menos que en igual período de 2015, cuando se ubicaba en US\$ 4.618.

### **Uruguay exportó en 2016 el mayor volumen de carne vacuna en 10 años**

04/01/2017 - Fueron 296.000 toneladas peso embarque, 13% más de volumen exportado respecto al 2015.

Los datos de las exportaciones de carne vacuna en el último año son, a criterio de Rafael Tardáguila, “muy buenos, por no decir excelentes”. El director de Faxcarne dijo, en Valor Agregado en Carve, que Uruguay exportó, de acuerdo a los datos Aduanas, “296.000 toneladas peso embarque de carne vacuna fresca, un volumen que supera en un 13% al de año 2015”, y a su vez, “es el más abultado desde el 2006”.

Según Tardáguila, el ángulo negativo de esta información es que el valor medio de exportación fue de US\$ 4.884 por tonelada peso embarque, un 10% inferior frente al año pasado”. Sin embargo, informó que solamente por concepto de exportación ingresaron al país 1.450 millones de dólares.

En cuanto a los mercados, China representó el 47% del total de las exportaciones uruguayas con un volumen cercano a las 140.000 toneladas. Tardáguila precisó que el país asiático llevó un 20% más del volumen de carne vacuna con respecto al año anterior. En segundo lugar se ubica la Unión Europea con 42.000 toneladas, “un crecimiento del 14% respecto al 2015, que podría estar relacionado a la mayor participación de Uruguay en la cuota 481”. Y el tercer destino en volumen fue Estados Unidos con un aproximado de 36.000 toneladas, donde se registra una caída del 9%.

Asimismo, el analista destacó la presencia de Corea del Sur que se posicionó como el séptimo destino para las carnes congeladas uruguayas con 3.600 toneladas embarcadas, un mercado “que triplicó el volumen que había importado en el año 2015”.

Diciembre. En el último mes del año “las exportaciones fueron excelentes”. Uruguay exportó en diciembre más de 32.000 toneladas de carne vacuna; “hay que remitirse hasta mayo del 2006 para encontrar una cantidad tan relevante”. Del total exportado, más de 15.000 toneladas fueron vendidas a China, lo que se transformó en un “récord histórico”. El valor medio de lo exportado en diciembre fue de US\$ 4.815.

### **Exportación en pie, cuota 481 y el clima sostuvieron a la ganadería en 2016**

Enero 6, 2017 Además hubo una relación tensa entre productores e industriales por los bajos precios de las haciendas para faena; hay preocupación por la posible caída del mercado de mayor valor para la carne uruguaya

La exportación de ganado en pie, la cuota 481 y el clima fueron las tres patas que mantuvieron a la ganadería en equilibrio en 2016, según analizó el productor Rodrigo Fernández, director de Frigorífico





Modelo SA y de Sociedad Ganadera San Salvador. En contrapartida, reconoció que la relación entre los productores y los industriales fue tensa, sobre todo por los precios de las haciendas para faena.

El volumen de exportación de ganado en pie en 2016 fue récord, 283.817 reses (ver página ocho), y esa fuerte demanda fue uno de los principales sostenes del sector. Fernández consideró que la exportación "fue preponderante", en el año que finalizó.

Analizó que los negocios en ese rubro seguirían firmes en 2017, porque no hay una sobreproducción de terneros y esta actividad le aporta muy buenas perspectivas para el rubro de cría. Recordó que en los últimos tres años la cría era el rubro de la ganadería que venía más castigado, sin embargo este año su situación cambió, pasando a ser un rubro rentable y la exportación el mercado más seguro.

Fernández consideró que la exportación de ganado en pie y los corrales de engorde son negocios complementarios. "Bienvenida sea la exportación de ganado en pie de todo tipo de categorías. Los ganaderos dependemos mucho de ese mercado, que ojala sea libre de oferta y demanda", enfatizó.

Recordó que a fines de 2015 se hablaba sobre las posibilidades de exportar vientres a Argentina, algo que luego no ocurrió. "Esa exportación de vientres a Argentina, que no se concretó, la pagamos con un ajuste de precios. La hembra no tuvo los valores que todos esperábamos. Los vientres preñados y las vaquillonas para entorar fueron categorías con precios diezmados durante casi todo el año. Si se hubiera concretado esa corriente exportadora hacia Argentina el negocio hubiera sido otro", analizó Fernández.

Recría para la cuota 481

En segundo término mencionó la recría de terneros y terneras, para la cuota 481, mercado que también estuvo firme, demandante, pero a la vez reconoció que los costos son otros para llegar a ese producto.

Últimamente surgió una gran preocupación entre quienes están vinculados a ese mercado, ya que Estados Unidos –el país para quien fue creada esa cuota de carne de alta calidad que ingresa libre de aranceles a la Unión Europea, y que luego fue reclamada por países competidores como Uruguay– realizó un llamado a consulta pública para dejarlo sin efecto.

Según los industriales estadounidenses, no están teniendo el rédito comercial que esperaban, y por el contrario, sí lo están aprovechando sus competidores.

Fernández reconoció que las perspectivas no son las más positivas para ese mercado. Señaló que ante la importante diferencia de precios que hubo entre el novillo cuota y el novillo no cuota, muchos productores de ciclo completo proyectaron producir novillos cuota para 2017. Por lo tanto, para ellos será un golpe muy duro si esa diferencia de precios deja de estar, consideró.

El empresario comentó que uno de esos casos es el de Frigorífico Modelo, firma que también tiene un número importante de terneros para ese mercado, que hoy están en praderas y que después pasarán a sorgo forrajero. "Realizamos una inversión importante para que puedan llegar a marzo o mayo con 350 kilos y se puedan encerrar", explicó.

El vínculo con los frigoríficos

Sobre la relación entre los productores y la industria frigorífica en este año, Fernández reconoció que "fue complicada" debido a los bajos precios de las haciendas para faena. Agregó que "no hubo poszafra. Tuvimos varios meses con el novillo a precios inferiores a los del resto de la región; sin embargo vemos un mercado mundial de carnes que está pujante, con buenos precios y una demanda firme".

Reconoció que a los frigoríficos les pega fuerte el aumento de costos del Estado, por lo intensivo que es en mano de obra, pero también sostuvo que ese sector tiene otras posibilidades de defenderse, como el seguro de paro y los novillos propios en corrales de engorde, materia prima con la que pueden "regular las faenas".

Sin embargo, en la actualidad el ganadero no tiene ninguna defensa, solo el clima y la exportación de ganado en pie, consideró.

Si no fuera por clima...

"La situación hubiera sido muy difícil para el sector si además de los precios bajos tuviéramos dificultades climáticas. El 2016 inició con muy buenas pasturas y no hubo poszafra. Todos esperábamos que el novillo llegara a US\$ 3,60, pero el precio se frenó en US\$ 3,40 y luego empezó a bajar", recordó.

El productor opinó que los precios del ganado gordo "están en el piso", y estimó que US\$ 3,50 por kilo en cuarta balanza sería una cifra lógica para el novillo gordo no cuota. "Ese es un precio que podría mantenerse en poszafra, durante varios meses del año. Los números cierran perfectamente y es un diferencial importante para que el negocio del invernador sea rentable", afirmó.

Por otra parte, el criador de las razas Aberdeen Angus y Polled Hereford opinó que la zafra de toros fue excepcional, mejor de lo esperado, tanto en volumen de ventas como en precios.

Manifestó especial preocupación por el precio de la vaca gorda. "En Uruguay los sistemas criadores, que a la larga son los que invierten en genética para comprar toros, son los que sostienen la cadena. Ojala algún día podamos decir que existe la verdadera cadena", expresó.

Agregó que esos criadores son los que invernan las vacas, y por lo tanto ese ingreso es muy importante para su bolsillo.



Por otra parte señaló que en los últimos años la ganadería tuvo una fuerte relación con el negocio de la soja, porque muchos productores se dedican a ambos rubros, por lo tanto la baja del precio de la oleaginosa también afectó a la ganadería.

Más vacunos

La existencia de vacunos en Uruguay creció y superó la barrera de los 12 millones, y la de ovinos quedó en poco más de 6,5 millones de cabezas. Según datos del Sistema Nacional de Información Ganadera – del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca–, el rodeo bovino uruguayo comprende 12.050.378 ejemplares y el ovino 6.573.658. Los mayores crecimientos se registraron en vacas de invernada (14,2%), novillos de más de 3 años (12,2%), novillos de 2 a 3 años (8,4%) y vaquillonas de más de dos años sin entorar (8%).

### **Stock bovino récord y cuota exportadora en suspenso**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Diciembre 30, Uruguay espera no perder su cupo de carne más valioso y el rodeo vacuno superó los 12 millones de cabezas

En la misma semana en la que nos hemos enterado que tenemos más vacunos que nunca, cruzando la barrera de los 12 millones, nos apercebimos también de que el cupo más valioso de la carne uruguaya – hablando en términos de facturación– pende de un hilo.

Es el cupo que ha permitido una gradual expansión de los feedlots o corrales de engorde, que ha contribuido a estabilizar el precio del ternero y que ha permitido sostener la demanda por el sorgo que se consume localmente.

Y se ha convertido en el principal segmento del negocio cárnico, significando bastante más de US\$ 100 millones anuales de facturación, lo que supera al tradicional cupo Hilton, que al tener un tope de colocación queda en unos US\$ 80 millones.

La cuota 481

El 481 es un cupo relativamente nuevo, de 48 mil toneladas, dentro de las cuales los países compiten por quien acapara mayor volumen. Esa competencia se ha hecho cada vez más importante tanto por el crecimiento de Uruguay como por la irrupción de Argentina, liberada en la era Macri de las ataduras K (Kirchner).

También los países de Oceanía fueron tomando cantidades más importantes de la cuota que, finalmente, quedó cubierta en su totalidad, sin que Estados Unidos –el beneficiario original y conceptual– exportara volúmenes significativos. Y allí está la raíz del problema. Porque un cupo que fue creado para compensar a Estados Unidos está siendo aprovechado por muchos países, pero no por los estadounidenses.

La Unión Europea no acepta el uso de seis hormonas que Estados Unidos sí usa: estradiol 17-b; testosterona; progesterona; zeranol; trenbolone acetato (TBA); y melengestrol acetato (MGA).

Estados Unidos en 2009 recurrió a la Organización Mundial del Comercio (OMC) y obtuvo un fallo favorable en el organismo. La Unión Europea no tenía derecho a aplicar sanciones si las hormonas no llegaban al consumo y por lo tanto debía resarcir a Estados Unidos o aceptar la carne.

La solución en su momento fue la creación de un cupo de carne producida en base a grano como suele ser el engorde en Estados Unidos. Pero ese cupo fue aprovechado más por países como Uruguay, Australia y en este año Argentina mientras Estados Unidos con sus novillos que valen más de US\$ 2 por kilo vivo no compite. Y aunque sea para carne producida en feedlot, el requerimiento de ausencia de hormonas se mantiene.

De modo que en vísperas del comienzo de la era Trump con su lema "Estados Unidos primero" la Representación de Comercio de Estados Unidos (USTR, por sus siglas en inglés) se hizo eco de los pedidos de la industria cárnica estadounidense que considera que la compensación planteada por los europeos no ha logrado compensar realmente a la cadena cárnica del país. Y así habilitó la consulta pública sobre el tema.

Los exportadores estadounidenses ya habían expresado su malestar con la situación en el congreso mundial de la carne desarrollado en Uruguay. Y ratificaron claramente su apoyo al reclamo estadounidense. La Federación de Exportadores de Carne fue clara en un comunicado: "Apoyamos plenamente la decisión del USTR de usar los medios a su disposición bajo la ley de Estados Unidos para defender los intereses de la industria cárnica de Estados Unidos. En los últimos siete años, los ganaderos de los Estados Unidos y la industria de carne han hecho inversiones significativas para satisfacer las necesidades del mercado de la Unión Europea, sólo para ver la participación de los Estados Unidos en el mercado socavada por los productores de Australia, Uruguay y Argentina. Esta situación es insostenible y exige una respuesta firme y decisiva".

"La industria de carne de Estados Unidos ha apoyado los esfuerzos de nuestro gobierno para encontrar una manera comercialmente factible para nosotros para participar en el mercado de la Unión Europea. En 1999 la Organización Mundial del Comercio le dio la razón a Estados Unidos. Y así la Unión Europea generó esta cuota que parecía inicialmente representar un paso en esa dirección, pero lamentablemente



no ha respondido a las expectativas de la industria. Dadas las circunstancias, no podemos estar de acuerdo en mantenernos al margen mientras nuestros competidores toman una proporción cada vez mayor de una cuota específicamente creada para compensar a los Estados Unidos".

Por su parte, la Unión Europea expresó que "ha cumplido plenamente, tanto en la letra como en el espíritu", con el acuerdo de compromiso de 2009. "La caída de este acuerdo y la posible aplicación de sanciones sobre las exportaciones de la Unión Europea a Estados Unidos constituiría ciertamente el retraso más desafortunado en las fuertes relaciones comerciales Unión Europea-Estados Unidos".

El tema se dilucidará a mitad de febrero. El gobierno estadounidense recibirá comentarios hasta el 30 de enero, luego hará una audiencia el 15 de febrero donde se analizarán los mismos y se recibirán comentarios adicionales hasta el cierre definitivo de la consulta el 22 de febrero.

#### Reacciones en Uruguay

En Uruguay el gobierno viene trabajando el tema con Bruselas apuntando a no verse perjudicada en un conflicto que no ha causado. Todo se maneja con la cautela de quien cuida la cuota más valiosa de la carne uruguaya, que significó en este año bastante más de US\$ 100 millones y superó largamente la facturación del cupo Hilton.

Respecto al Hilton, la 481 tiene varias ventajas. Se trata de 48 mil toneladas dentro de las cuales los países compiten sin tope, a diferencia del Hilton que tiene un techo bajo e inamovible. Abarca una cantidad muy amplia de cortes que pueden sumar hasta 100 kilos de la res. Y por lo tanto ha generado un segmento creciente de negocios que parte de novillitos que deben llegar a 380 o 400 kilos con 24 meses de edad y salir a la faena a los 30 meses de edad, con un peso bastante superior a los 500 kilos.

El cupo ha generado una demanda de unos 160 mil novillos y 20 mil vaquillonas al año, con toda la cadena de producción que parte de terneros y terneras y ha sido una de las dos patas sobre las que se ha apoyado la estabilidad de los precios del ternero, junto a la exportación en pie, que adquiere ahora más importancia que nunca.

Otro aspecto que adquiere fuerte importancia es la capacidad de Uruguay para negociar un mejor acceso a su carne, ya que la ventaja arancelaria de la cuota era fundamental para competir con otros exportadores, como Australia. En otros mercados como el de China, Uruguay debe competir pagando aranceles mayores y eso dificulta la salida.

Por otra parte, al caer este cupo adquiere mucha mayor trascendencia la posibilidad de ingresar a Japón en 2017, ya que es quien podría estar adquiriendo carne con un alto marmoleado, como la que sale de los feedlots.

#### Récord y anti récord

La producción en corrales de engorde ante la incertidumbre de lo que pasará entre EEUU y Europa.

La producción en corrales de engorde ante la incertidumbre de lo que pasará entre EEUU y Europa.

Mientras emergen potenciales problemas para la comercialización de la carne, los datos divulgados por el Sistema Nacional de Información Ganadera (SNIG) sorprendieron.

El dato preliminar de stock vacuno había proyectado un descenso, pero los datos finales mostraron un aumento en la cantidad de vacunos que por primera vez en la historia de Uruguay superan los 12 millones en el conteo que se realiza a mitad de año.

En ese récord, el crecimiento lo marcan las categorías de bovinos adultos: vaquillonas de más de 2 años, novillos de más de 2 y 3 años y vacas de invernada tuvieron fuertes incrementos.

La estrategia de bajar costos radicalmente se hace sentir. Una ganadería dual en la que por un lado está la estrategia de acelerar el proceso dando una alimentación intensiva para cumplir los requisitos de la cuota 481 y donde la estrategia alternativa es la de hacer un proceso lento, pastoril y de costo mínimo.

Las vacas de invernada con un crecimiento de 14% y los novillos de más de 3 años (+ 12%) muestran esta lógica.

Bajaron las vacas de cría, aunque menos de lo proyectado inicialmente.

En los ovinos no hubo sorpresas. Fueron un récord, pero por lo bajo, descendiendo a los 6,57 millones de cabezas.

### **Cuota 481 gobierno analiza diferendo EEUU-UE y una posible renegociación**

Diciembre 29, 2016 El AÚN en el peor de los escenarios que pueda tener la definición de la cuota 481 que la Unión Europea (UE) otorgó a EEUU y que este país está cuestionando, el tema no afecta las decisiones empresariales que se puedan tomar en Uruguay para seguir produciendo ganados con destino a los embarques a cumplirse hasta fines del próximo año y comienzos de 2018.

Este enfoque fue destacado ayer por el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Tabaré Aguerre, a los periodistas al afirmar que la negociación oficial está en marcha y que se viene trabajando desde hace dos años manejando diferentes alternativas.

Resaltó la importancia del tema y señaló que Uruguay llegó a esta negociación cinco años antes que algunos de sus competidores y mucho antes que esto fuera un problema. Recordó que fue la





compensación de la UE a los reclamos de EEUU por las restricciones que hacía la UE a carnes estadounidenses producidas con hormonas. Y recordó que, mediante el concepto de la Organización Mundial de Comercio (OMC) de nación más favorecida, en 2010 pudieron aplicar a este proceso Australia, luego Nueva Zelanda y finalmente Uruguay.

Destacó que Uruguay está llegando a exportar unas 13.500 toneladas en la 481, el 25% de una cuota que fue para EEUU. Se duplicó la facturación y también las toneladas. Remarcó que considerando el valor promedio de US\$ 9.700 la tonelada de los tres últimos años, Uruguay logró entre US\$ 250 millones y US\$ 300 millones.

Aguerre dijo que las condiciones eran muy claras respecto a que la cuota se mantiene hasta tanto las partes definan otro arreglo, razón por la cual hace dos años visitó Europa acompañado por autoridades de Instituto Nacional de Carnes (INAC) y empresarios de la industria frigorífica.

El motivo era mantener contacto con las autoridades e importadores de la UE, porque ya estaba presente el rumor de que EEUU pudiera denunciar este acuerdo. Era lógico que ocurriera porque era una compensación de 45 mil toneladas para EEUU, que solo exporta 17 mil toneladas. El resto lo cubren Australia y Uruguay.

Podía suceder que cualquiera de las dos partes denunciara este acuerdo por la vía de la OMC y que una vez formalizada la denuncia exista también un período de seis meses de vigencia del acuerdo que debe ser plena para ambas partes.

El ministro Aguerre admitió que en caso de una renegociación de la cuota mencionada entre EEUU y la UE, Uruguay analiza ese escenario en contacto con sus embajadores y ante la OMC.

### ***Embarques de carne para Cuota 481 aumentaron un 30%***

Diciembre 28, 2016 Durante el actual semestre Uruguay intervino en un 33% de lo exportado a ese mercado

El valor medio por tonelada embarcada para la Cuota 481 se ubicó en US\$ 9.053,

Según datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC) las exportaciones de Uruguay con destino a la Cuota 481 de la Unión Europea (UE), procedentes de los corrales de engorde y cumplidas durante el segundo semestre de este año hasta el 23 de diciembre pasado, se incrementaron en un 30% con relación a igual período del año anterior.

Corresponde al envío de 7.972 toneladas y en función de que en los dos últimos trimestres se completó la cuota de 12.050 toneladas, lo que hace un total de 24.100 toneladas, significa que la participación uruguaya es de alrededor de un 33%, según el análisis de Tardáguila Agromercados divulgado en esta jornada.

La cuota 481 de animales terminados a corral es un mercado cada vez más relevante para la industria cárnica uruguaya en momentos en los que su continuidad está en duda.

Por su parte el valor medio por tonelada embarcada se ubicó en US\$ 9.053, apenas US\$ 100 por debajo del promedio del año pasado.

En el primer semestre de 2016, por lo tanto, las exportaciones uruguayas dentro de la cuota 481 generaron ingresos por unos US\$ 72 millones. Asumiendo, en promedio, unos 80 kilos de carne por animal, fue el destino de unos 100 mil animales procesados, en su amplia mayoría novillos. En los seis meses entre junio y noviembre se faenaron en el país 582 mil novillos, por lo que la cuota es el destino de alrededor de 17% de éstos.

También en la cuota Hilton, la industria uruguaya muestra un grado de cumplimiento superior al del año pasado, en línea con el fuerte desempeño de la faena durante la segunda parte de 2016. En total, se llevaban embarcadas 3.956 toneladas, volumen que implica 62% del cupo y 21,6% por encima de lo que se llevaba embarcado a la misma fecha de 2015-16. En este caso el precio medio por tonelada exportada cayó unos US\$ 600, al pasar de US\$ 13.124 a US\$ 12.529 (-4,5%).

### ***Uruguay se posicionó como segundo proveedor de carne vacuna a Europa***

27/12/2016 - Se exportaron 36.600 toneladas de carne vacuna a un valor medio de US\$ 7.565 por ton. durante los primeros nueve meses del 2016.

De acuerdo al informe publicado por el analista argentino, Ignacio Iriarte, sobre los volúmenes y valores medios de carne vacuna exportada al mercado europeo durante los primeros nueve meses del año, Uruguay es solamente superado por Brasil en cuanto a volumen y por Estados Unidos en precios.

“Uruguay ha colocado en estos nueve meses una cantidad muy importante de carne (36.600 toneladas) en el mercado europeo, transformándose en este periodo en el segundo proveedor (15% del volumen total) por detrás de Brasil que representa el 43% del total”, comentó Rafael Tardáguila.

El director de Tardáguila Agromercados dijo, en Valor Agregado en Carve, que “es un volumen realmente importante y que supera en más de 4 mil toneladas a lo que ha enviado Argentina en el mismo periodo que fueron 32.141 toneladas. El experto señaló que “estas 36.600 toneladas equivalen a la suma de, por un lado, la cuota 481, y por otro, la cuota Hilton, más lo que pueda ir por fuera de los dos cupos”.



El valor medio que figura de importación de la carne uruguaya al mercado europeo también supera al de Argentina: US\$ 7.565 la uruguaya, US\$ 7.162 el producto argentino. Tardáguila destacó también que el valor medio uruguayo es más de US\$ 3.000 por tonelada superior al valor exportado por Brasil, US\$ 4.400 por tonelada. Por lo tanto, "Uruguay logra un sobreprecio significativo respecto a la cotización brasilera".

Respecto a Paraguay, su valor medio es de US\$ 5.900 por tonelada, "es un volúmen muy chico, Paraguay tiene una cuota de 1.000 toneladas de Hilton y recién se está reinsertando en el mercado europeo", dijo el director de Faxcarne.

Rafael Tardáguila aseguró que también es interesante ver el nivel medio exportado por Estados Unidos, que representa un 6% del volumen total; una cotización de US\$ 9.242 por tonelada. "Supongo que todo este volumen es el que forma parte de la cuota 481", expresó el analista. Respecto a la toneladas, estimó que deben ser entre 14.500 o 15.000 que EE.UU ha colocado en Europa en los primeros 9 meses del 2016.

Finalmente, indicó que el valor medio del producto australiano también es menor al de Uruguay, por lo que, "realmente tiene un destaque, no solo en el volumen sino también en el valor medio".

### **Uruguay exportó en pie 283.817 vacunos durante el año 2016**

Enero 6, 2017 La cifra representa un incremento de 35% frente a 2015; Turquía fue el principal destino, al comprar 91% del total

Tal como se preveía, el volumen de ganados exportados en pie en 2016 fue récord. En el año que acaba de terminar se embarcaron desde Uruguay 283.817 vacunos en pie, una cifra 35% superior a la de 2015 y 33% mayor a la de 2011, los años en que más ganado se había comercializado al exterior.

La principal categoría fue la de terneros sin castrar, pero en los últimos meses del año pasado también se comenzaron a demandar terneras. El principal mercado fue Turquía, que absorbió 90,76% de la oferta, según datos oficiales del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) a los que accedió El Observador Agropecuario.

La mayor parte de las compras fueron realizadas por el estado turco, que decidió intervenir el mercado para bajar los precios de la carne en el mercado interno, pero al no lograr ese objetivo volverá a liberarlo, bajando los aranceles de 60% a 10%

El año cerró con una fuerte actividad en el rubro. Solo en el mes de diciembre se exportaron 47.400 terneros y 10.000 terneras, todos ellos hacia Turquía, con destino a engorde.

Esa fuerte actividad en el último mes del año se debió a la necesidad de cumplir con los tiempos estipulados en la licitaciones oficiales del gobierno turco, que ganó la empresa Gladenur, para abastecer a ese mercado con 200 mil cabezas de Sudamérica. La mercadería fue enviada fundamentalmente desde Uruguay y sur de Brasil.

Cabe recordar además, que luego de las licitaciones el gobierno turco comenzó a emitir permisos especiales, que les permitió exportar a otras empresas que no habían sido seleccionadas en la licitación.

El sostén del mercado

Los precios de las categorías de terneras y de terneros fueron los dos únicos de la reposición que subieron en Uruguay en 2016, respecto al año 2015 (ver El Observador Agropecuario del viernes 30 de diciembre). Los precios de las demás categorías siguieron en caída registrando los niveles más bajos de los últimos cinco años, según un estudio estadístico que se basa en los precios promedios de los remates por pantalla.

Y uno de los dos principales factores que explican este comportamiento de los precios es la exportación de ganado en pie. Por otra parte estuvieron los corrales de engorde que terminan ganados para la cuota 481. Si bien la demanda no incluye a todos los animales de esas categorías, sí les pone un precio piso que las favorece.

Los precios de las terneras registraron un aumento de 1,83% y los terneros de 0,96%, respecto al promedio de 2015.

Sobre la demanda de hembras por parte de Turquía, Alejandro Dutra, presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie comentó que "aún están por verse los resultados, pero la lógica es que si los machos anduvieron bien las hembras se desempeñarán de igual manera. Por eso entendemos que habrá un nicho interesante en ese mercado. Esperamos que se empiecen a firmar los contratos, pero creemos que las hembras también serán protagonistas en los embarques de este año".

De todos modos aclaró que la demanda fue bastante exigente en la definición racial de las hembras, descartando los animales cruza. También en la edad, ya que el protocolo indica que el mercado es solo para animales de hasta 12 meses.

En estas primeras semanas del año los exportadores no están operando, pero a la vez la oferta es escasa. Se espera que la actividad de compras se retome en febrero. Hasta el momento no se han emitido nuevos permisos de importación por parte del gobierno turco y los operadores observan además con preocupación la devaluación de la lira (moneda turca) frente al dólar, lo que podría complicar los



negocios. Por otra parte, se observa con beneplácito la intención de bajar el porcentaje de aranceles a la importación de ganado que se anunció en los últimos días.

El año pasado las compras de terneros por parte de las empresas exportadoras se hicieron a precios que se ubicaron entre US\$ 2,15 y US\$ 2,20 por kilo, dependiendo de la oferta y del momento del año. Los pesos de los animales iban desde 150 kilos hasta 220 kilos.

MGAP expresó tranquilidad

En diferentes instancias de conferencias y reuniones, las autoridades del MGAP expresaron su respaldo a la actividad. Previo al último Consejo de Ministros de 2016, realizado en la ciudad de Trinidad, el subsecretario de la cartera, Enzo Benech, destacó las ventajas de ese mercado tras la consulta de productores preocupados ante una posible presión de la industria frigorífica para que se frene esa actividad que reduce el acceso a la futura materia prima.

Durante todo el año los productores reivindicaron su defensa a la exportación de ganado en pie. Emilio Mangarelli, representante de la Federación Rural en la junta directiva del Instituto Nacional de Carnes (INAC), dijo el 22 de diciembre pasado al programa Agronegocios Sarandí, de radio Sarandí, que no es verdad que la industria frigorífica esté preocupada por los altos volúmenes de ganado en pie que se exportaron este año. "Si estuvieran preocupados, ¿por qué si llamo para venderles un ganado ahora me dan entrada para la segunda quincena de enero?", se preguntó.

Dijo que si el problema es que no tienen ganado las entradas tendrían que concretarse rápidamente, "además vemos que la faena es alta", dijo.

Señaló que los productores defienden la exportación de ganado en pie, porque si no fuera por este mercado serían aún peores los precios que los frigoríficos pagan por los ganados. "La exportación permite marcar un piso de precios", sostuvo.

Magarelli recordó que la industria puede importar ganados para faenar, pero siempre que esa carne se venda en el mercado interno –mercado que representa el 30% del volumen de carne que produce Uruguay–, sin embargo eso no lo pueden hacer los frigoríficos exportadores.

Por otra parte dijo que el reclamo de los industriales de igualdad de condiciones arancelarias de Turquía para la importación de carne vacuna respecto a la importación de ganado no tiene sentido. "Es como que me digan que debemos suspender la exportación de soja a China porque el arancel es menor que el de la carne. Quieren agarrarse de cualquier cosa", expresó el productor.

La industria deberá competir

"Si la industria no quiere que el ganado se exporte en pie deberá competir con este mercado, mejorando los precios que le paga al productor por el ganado gordo", dijo a El Observador Agropecuario el presidente de la Asociación Rural del Uruguay (ARU), Pablo Zerbino.

El dirigente gremial sostuvo que el productor es tomador de precios, y lamentablemente no tiene muchas alternativas comerciales para su producción, y la exportación de ganado en pie es una de ellas.

"El mercado es libre y el día que los precios justifiquen retener los ganados, engordarlos y venderlos a la industria local eso se hará. Pero mientras los precios de la industria sigan deprimidos esta es una alternativa válida, necesaria y fundamental para la subsistencia de la ganadería", expresó el productor.

Consultado sobre la exportación de hembras dijo que es complementaria y que si el mercado indica que es preferible vender las terneras para exportarlas en pie eso se hará. "Todo sirve para buscar la manera de sostener un sector que lamentablemente sigue perdiendo fuerza, rentabilidad, y dentro de ese panorama toda alternativa es bienvenida", razonó el presidente de la ARU.

Reconoció que es lógico que no industrializar el producto significa una pérdida para el país, pero remarcó que para el sector, en este momento en particular cuando hay una caída sistemática de los precios internacionales que se reflejan claramente a nivel local, tener esta posibilidad de salida es muy importante.

Por eso concluyó que hay que seguir insistiendo en que esta actividad comercial esté disponible como una alternativa de negocio.

Turquía bajará los aranceles de 60% a 10%

Turquía podría anunciar una importante baja en el porcentaje de aranceles a la importación de ganado en pie. Los importadores privados pasarían de pagar de 60% a 10%, mientras se proyecta la compra de unas 500 mil cabezas para 2017.

Anualmente Turquía importa aproximadamente ese volumen de animales para terminación y posterior faena, considerando más de 20 países proveedores, de Europa, América y Oceanía. En 2016 desde Uruguay se exportaron hacia ese destino más de 283 mil reses, cifra que demuestra el fuerte interés de ese país por los ganados uruguayos.

En el último año el gobierno turco decidió intervenir el mercado del ganado en pie, subiendo el arancel de 10% a 60% al sector privado y realizó licitaciones y compras oficiales sin aranceles. Su objetivo era bajar el precio de la carne en el mercado interno, pero eso no se logró. Ahora se decide revertir esa medida, y que la actividad vuelva a funcionar como antes.



El presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie, Alejandro Dutra, dijo que los negocios que se realizaron el año pasado fueron con el gobierno turco, por lo tanto libre de aranceles; y no estimó grandes cambios en los precios, porque si bien habrá mayor competencia entre importadores privados, estos deberán pagar un arancel.

Durante 2016 el gobierno turco importaba los animales, se los daba a productores privados para que los terminen de engordar, y luego se faenaban en frigoríficos estatales. Ahora habrá productores que podrán importar directamente el ganado, pagando ese arancel de 10%, para poder faenarlos luego en la planta industrial que prefieran, sea esta pública o privada.

### **Uruguay acordó con China protocolo sanitario para exportar ganado en pie de razas carniceras**

09/12/2016 - Serían animales con destino a engorde y faena.

Embarque de ganado en pie en el Puerto de Montevideo , exportacion de ganado vacuno a Egipto, ND 20141027, foto Agustin Martinez - Archivo El Pais

“Tenemos acordado el protocolo para exportar ganado en pie para engorde y faena a China”, aseguró Federico Fernández. El director de Sanidad Animal del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) comentó, en Valor Agregado en Carve, que si bien restan detalles administrativos para habilitar el mercado, “el protocolo básicamente está pronto”.

Fernández dijo que hace mucho tiempo que se viene trabajando en el tema, pero todavía no quiso poner plazos para la apertura de los negocios, aunque la “audiencia sanitaria está resultando”.

“Cuando hay que pensar en China es pensar en grande y lo más importante es tener habilitado el mercado, (...) es un país con un alto potencial pero con costos logísticos que se deben considerar. Son más de 30 días de viajes”, destacó Fernández. El director de Sanidad Animal del MGAP contó que la idea es ir mirando mercados para poner las opciones arriba de la mesa, “después los privados que hagan su trabajo para ver si realmente es atractiva esa línea de negocio”.

El protocolo sanitario “no es igual al de los otros mercados, todos tienen su particularidad”, señaló Fernández. Asimismo, contó que “con China tenemos un protocolo muy exigente para ganado lechero”, por lo que tendría características similares. El integrante del MGAP dijo que lo más importante “es acercarnos a lo que sea más viable económicamente para nosotros”.

Exportaciones. “Este año vamos a batir el récord de animales exportados, todavía no están los números definidos pero vamos a estar cerca de 240 mil cabezas más el último embarque que parte en diciembre”, comentó Federico Fernández. Además señaló que ese “número es auspicioso y marca una tendencia que es una herramienta bien válida para el productor”

### **Faena bovina de 2016 superó las 2,266 millones de cabezas**

Enero 3, 2017 Es la cifra más alta desde 2009; la categoría de vacas es la de mayor faena

La faena de vacas subió y fue la de mayor participación durante el 2016

El año 2016 cerró con una faena de bovinos de 2,266 millones de cabezas, superando en 62.000 cabezas al período de 2015, lo que representa un 2,8%, según cifras divulgadas este lunes por el Instituto Nacional de Carnes (INAC).

La cifra es la más alta desde el año 2009 y no de los últimos nueve años como se informó por error en la edición impresa de El Observador de martes, al citar cifras parciales de faena hasta el pasado 24 de diciembre.

La faena del año pasado se desglosa en 1,082 millones de cabezas de novillos, 1,138 millones de vacas que representa la categoría de mayor faena, 14,952 miles de terneros y 31,509 miles de toros.

El frigorífico de mayor actividad fue BPU con 179.310 animales.

Por su parte la faena de ovinos que siguió cayendo, el año pasado se ubicó en 829.308 cabezas, 45.480 animales menos (5,1%) que en 2015

### **INAC prevé un 2017 con precios similares y consumo de carnes en ascenso**

Diciembre 30, 2016 Desde INAC se avizora que se mantendrán el incremento de la producción y la fuerte competencia entre abastecedores El consumo de carnes también seguirá en ascenso.

En 2017 volverá a haber un incremento en la producción mundial de carnes, con una fuerte competencia entre los abastecedores de los distintos mercados y un escenario de precios similar al de 2016, dijo a El Observador Agropecuario Fernando Gil, gerente general del Instituto Nacional de Carnes (INAC) y vicepresidente de la Oficina Permanente Internacional de la Carne (OPIC).

Al año que viene de momento se lo observa “con muchas dudas, más que las que había previo al inicio de 2015 y de 2016”, comentó.

No obstante, afirmó que “es de esperar niveles de precios similares” a los de este año, en cuyo transcurso Uruguay obtuvo en promedio US\$ 3.400 por tonelada de carne vacuna, lo que representó una caída del 10% en relación al precio promedio del año anterior.





Gil adelantó que, tras "subir otro escalón en 2016", para el año que viene "se espera que China siga siendo un fuerte comprador".

Puntualizó que cada una de esas conclusiones deriva de dos intensas jornadas de trabajo a nivel de GIRA, consultora internacional especializada en el rubro de la cual forma parte el INAC, en cuyo marco se consideró que hay factores que son no del todo predecibles y que terminan incidiendo en mayor o en menor medida en los mercados, como los climáticos y el valor del dólar.

Además hay que considerar las consecuencias por expresarse de la salida de Inglaterra de la Unión Europea y el comportamiento que tenga la nueva administración de gobierno en Estados Unidos, factores que incrementan la incertidumbre y no se sabe si serán adversos o beneficiosos para el desarrollo de los negocios que encare Uruguay.

Factores que siembran dudas para la carne: la salida de Inglaterra de la UE y el cambio de gobierno en EEUU.

Pensando a mediano y largo plazo, analizó que "se produce más carne, hay gente que entra a comer carne vacuna y otra que comienza a consumir más, en una carne que sigue siendo un privilegio entre las carnes y la demanda no es satisfecha por la oferta. Eso es una buena noticia". No obstante, se avizora un escenario de niveles de precios similares porque inciden diversos factores, como los ya señalados.

Como se dijo, el brexit "golpeó a los mercados, parece algo lejano pero al final del día eso implica que hay gente con más o menos dinero en el bolsillo o que siente que tiene más o menos dinero para comprar y eso pega en los mercados", reflexionó.

Gil dijo que Uruguay como abastecedor de carne, con un producto de calidad y una eficiente estrategia del país y de sus frigoríficos, "es de los países que más rápidamente aprovecha una oportunidad y también le es mucho más sencillo protegerse de las amenazas, rápidamente y más allá de los costos puede salir de un mercado e ingresar a otro".

Sobre el año que concluye, "fue peculiar", reflexionó. Añadió que en 2015 "no pensábamos que iba a existir una competencia tan grande en el comercio mundial de todas las carnes, entre los abastecedores, liderado eso por las de pollo y cerdo".

Esa intensidad generó una baja de los precios que se dio en Uruguay y en todo el mundo. Gil detalló que la baja en los commodities "le pegó menos a la carne" y enfatizó: "¡qué suerte que Uruguay produce carne y qué suerte que la produce mayormente en base a pasto!".

También señaló que "Uruguay tiene en su sistema de producción algo que lo resguarda bastante de las tormentas en el mundo".

Finalmente, comentó que se espera que el consumo de carnes en el mundo siga aumentando, sobre todo en países asiáticos, con un 2017 con un comercio superior, lo cual "son buenas noticias".

#### Objetivos en la OPIC

En otro orden, dijo que el fuerte trabajo del INAC en la OPIC –ver en la nota adjunta– derivó en que desde ese organismo se pidiese a Uruguay que propusiese un miembro para una de sus dos vicepresidencias, responsabilidad inédita para el país que recayó en el propio Gil, quien señaló cuatro desafíos para la gestión: integrar en los trabajos a otras instituciones del país (por ejemplo al INIA en el tema sostenibilidad); fortalecer la presencia en espacios internacionales donde se toman decisiones que generan amenazas u oportunidades; seguir promocionando las bondades de la carne con los países accionando en conjunto, que fue la actitud en el Congreso Mundial en Punta del Este, promoviendo "una melodía" con "distintas voces", innovación "que quedará en la historia" y que fue fruto de una acción liderada por Silvana Bonsignore (directora de mercados externos del INAC); y proponer nuevas estructuras organizativas para que crezca el número de 100 miembros.

#### Discutir, pero preparados

Fernando Gil destacó que en 2012 INAC determinó que para estar donde se tomaban decisiones lo mejor era estar en la Oficina Permanente Internacional de la Carne (OPIC). "La propia OPIC había cambiado de estrategia, optando por una que para nosotros era mejor, no hacer lobby si te acusaban de ser responsable de los gases de efecto invernadero saliendo a quejarse y sí sentarse a una mesa de negociación priorizando considerar el tema con un alto componente técnico", dijo.

Por ejemplo, "trabajamos con FAO y cuando nos sentamos a ver cuál había sido el proceso por el cual se llegó a que la ganadería es responsable del 18% de las emisiones mundiales de gases de efecto invernadero se detectó que era el 14%; la metodología era mejorable".

Ahora "se hacen esfuerzos para investigar y tener pruebas objetivas sobre el efecto de captura de CO2 por ser un país forestado y con pasturas".

También se trabajó a nivel de la OIE en las normas ISO por el bienestar animal. A muy corto plazo se espera que cadenas de supermercados exijan cumplir esas normas y "se abre una oportunidad para Uruguay, porque le es más sencillo que a otros países demostrar que cumple lo que se exige".

Por último, "estamos pateando la puerta" de la OMS, "para hablar del reporte que dice que los niveles de consumo de carne tienen que ver con el cáncer y queremos hacerlo así, no salir a ladrar, a gritar que está mal, que somos víctimas, queremos mostrar el trabajo de nuestra academia que dice otra cosa".



### **Ven con cautela inicio de la vigencia del nuevo decreto de dressing**

Enero 6, 2017 Será fundamental previo al inicio de la tipificación automática de los ganados Industriales y operadores del comercio de haciendas ven con cautela el nuevo decreto que establece un límite máximo a la extracción de órganos y tejidos para emproljar el animal (dressing), que comenzó a regir el pasado 1° de enero y que incluye la gradual instalación de escáneres en los frigoríficos para efectuar la tipificación automática de los ganados.

El "dressing" es un trabajo artesanal, que lo hacen personas con animales muy distintos en diversas plantas, con distintas unidades de mando. Por tanto, implica ordenar y coordinar a muchas personas, uniformizar criterios de trabajo para que rápidamente se logre estandarizar la función en plantas", sostuvo el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham. Además catalogó a la tipificación automática de canales como otro aspecto importante del decreto que establece un plazo máximo de instalación al mes de agosto de 2018.

#### **Uso de escáner**

El Frigorífico Solís hace cinco años que está implementando un sistema de tipificación automática según las exigencias establecidas entre el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) y el INAC, que genera información valiosa para la planta industrial y para el productor, destacó a El Observador Agropecuario el director de la empresa, Jorge González.

Explicó que con el uso del escáner es posible entregarle a cada productor el 100% de las fotos que se obtiene de la carcasa del animal que envió. Es posible entregar la información de cada uno de los animales que integran la tropa remitida, donde no todos los bovinos enviados son iguales.

Al productor se le detalla el rendimiento de la res, machucamientos y abscesos por vacunas. De acuerdo a un sistema de pago creado en función de la tipificación, se puede ver que dentro de una misma tropa que parece muy homogénea puede haber hasta US\$ 0,20 de diferencia por kilo entre un novillo y otro. Agregó que con este sistema los animales se pagan uno a uno. La industria termina con un sistema que era subjetivo y le permite premiar el pago por la relación trasero/delantero, por la programación de los cortes que se obtienen en función de la conformación de los animales, dijo González.

El empresario concluyó que el decreto sobre dressing que rige desde el 1° enero se cumplirá como corresponde. Este punto, sumado a los escáneres que se instalarán en todo el sector industrial, "demuestra que se está en camino de incorporar tecnología y valor a la cadena, demostrando claramente hacia dónde va el sector", dijo.

## **PARAGUAY**

### **Nuevos destinos para carne suman 22, pero el hato ganadero bajó 10%**

31 de diciembre de 2016 La ganadería paraguaya cierra el año 2016 con 22 mercados nuevos abiertos para la exportación de la carne, con leve crecimiento en el volumen de envíos pero con la reducción de la cantidad de ganado; de 14.990.000 del 2014 se descendió este año a 13.350.000, un 10% según los datos de Senacsa.

El sector ganadero cierra el 2016 con menor cantidad de vientres, por lo que se ya iniciaron las acciones para apoyar a los pequeños productores, a fin de aumentar el índice de preñez y elevar así el hato bovino, señaló el presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Luis Villasanti.

Argumentó que los productores pecuarios no pudieron retener sus reproductores debido a los bajos precios de la carne.

"Disminuyó el hato ganadero, influido por el índice de la rentabilidad de la ganadería, que bajó", dijo Villasanti.

En el contexto internacional la caída de los precios de la carne fue causa para que Paraguay se haya ido desprendiendo de sus animales para obtener los mismos ingresos que años anteriores, a tal punto que ya registra una caída del 10% en el hato ganadero. "Mientras no tengamos un instituto de la carne para llegar a los mercados más exigentes, no tendremos buenos precios. Entonces, en vez de subir, estamos bajando", argumentó el titular de la Rural.

Añadió que este año tampoco acompañó el clima y miles de terneros se han perdido debido a los efectos de El Niño, por las inundaciones en zonas ganaderas.

Según los datos, Paraguay es el sexto exportador mundial de carne y cerrará el 2016 con más de 250.000 toneladas de peso-embarque exportadas por un valor superior a los US\$ FOB 1.300 millones, según Senacsa.

#### **22 nuevos destinos**

Por su parte, el viceministro de Ganadería, Dr. Marcos Medina, destacó que las gestiones permitieron este año la apertura de 22 nuevos mercados internacionales para la carne bovina paraguaya.



Utilizando términos del fútbol dijo que dicho logro consolida a nuestro país en “las grandes ligas” de productores mundiales de alimentos.

“Cerramos un año 2016 con un balance positivo en el sector pecuario. El sector bovino cierra con exportaciones en volumen por encima de lo alcanzado en el 2015, a pesar de haber experimentado una pequeña disminución de los valores totales de exportación debido a la baja de los precios de los commodities en el mercado internacional”, expresó.

En cuanto a los nuevos mercados que se han abierto este año para la carne, citó a Egipto, Irán, Qatar, Ecuador, Cuba, Colombia y Uruguay; también Emiratos Árabes Unidos, Suiza, Marruecos, Mozambique, Macedonia, Vietnam, Ghana, Liberia, Haití, Senegal, Seychelles y Dependencias, Somalia, Togo y Congo. Igualmente, destacó la ampliación de la cuota de China Taiwán, que casi triplicó el cupo inicial de comercialización, para lo cual la Asociación Rural del Paraguay realizó un trabajo muy importante junto al servicio sanitario oficial (Senacsa), como ejemplo de la eficiente gestión público privada.

Unos US\$ 1.200 millones

La exportación de carnes, menudencias, productos y subproductos de origen animal, que incluyen bovinos, aves y porcinos, registró hasta noviembre un valor en divisas de US\$ FOB 1.185.406 por 436.749 toneladas enviadas. Los envíos de todos los productos y subproductos ganaderos generarían este año cerca de US\$ FOB 1.300 millones de divisas contra US\$ FOB 1.275 millones de las exportaciones del periodo 2015, que representa una disminución de cerca del 5%. Recordemos que al cierre del año 2015, la disminución de la exportación de toda la cadena ganadera fue del 24% en divisas a pesar de haberse enviado ese año 2% más en volumen contra lo enviado en el año 2014.

### **CPC: Destacan mejor posicionamiento**

22/12/16 La carne vacuna de Paraguay, por su alta calidad, logró este año un mejor posicionamiento en los mercados, a pesar de que los precios siguieron bajos, dijo ayer el presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), Korní Pauls.

“Tenemos muy buen posicionamiento en Chile, en Rusia, excelente posicionamiento en Alemania. Ahora Alemania se puso al nivel de Chile y se convirtió en uno de los principales destinos en volumen y en divisas para Paraguay. También conseguimos un muy buen posicionamiento en Israel”, destacó.

Pauls, que participó ayer en el informe de gestión del Senacsa, destacó la buena relación de la industria con el ente sanitario. “En el 2016 el Senacsa fue fortalecido, y hay mejores perspectivas según los proyectos para el año 2017, como el impulso a la trazabilidad, porque los mercados más apetitosos nos van a exigir dicha herramienta, y lo bueno es que la Rural también apoya, entonces ya no habrá marcha atrás”, expresó.

En relación a nuestro principal destino, dijo que tras la reapertura de Chile, en tres años volvimos a ser el primer proveedor de carne en dicho mercado; a su vez, tras un año y medio de habilitarse Europa, a fines de enero de 2017 cumpliremos con las 1.000 toneladas de la cuota Hilton. “La alta calidad de la carne paraguaya tiene muy buena recepción en los mercados”, señaló.

Sin embargo, comentó que las perspectivas para la carne el año que viene son inciertas, desde el punto de vista de la cantidad del ganado en el país. “Hablamos con el viceministro de Ganadería, Dr. Marcos Medina, y el titular de Senacsa, Dr. Hugo Idoyaga, sobre el retroceso del hato, para ver que podemos hacer, donde podemos colaborar, porque la capacidad de los frigoríficos aumentó, se hicieron muchas inversiones, para hacer más mercados pero necesitamos materia prima”, acotó.

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Nueva fase en la disputa por hormonas con la UE**

#### ***Reimpondrían derechos compensatorios que se había dejado de lado por un acuerdo suscrito en 2009***

Source: EurActiv.com 23 December 2016 EU - The United States said Thursday (22 December) it was relaunching a trade fight against a European Union ban on imports of hormone-treated American beef, raising the possibility of imposing tariffs on European goods.

The US decision, which reignites a long-standing disagreement, was taken following the failure of talks to adopt a transatlantic trade pact this year.

“American ranchers raise some of the best beef on the planet but restrictive European Union policies continue to deny EU consumers access to US beef at affordable prices,” Agriculture Secretary Tom Vilsack said in a statement from the office of the US Trade Representative.

The World Trade Organization in 1998 ruled that an EU ban on imports of US beef violated WTO obligations and was not based on scientific evidence, according to the statement.



### **NCBA expresó su beneplácito por la decisión**

28 December 2016 US - Last week, the Office of the United States Trade Representative announced it will start the process of reinstating retaliatory tariffs on goods and products from the European Union due to the EU's unfair treatment of US beef.

National Cattlemen's Beef Association President Tracy Brunner applauds USTR Ambassador Michael Froman for standing up for the US beef industry and taking action in defense of US beef producers.

"The European Union has left us no choice but to seek compensation for the long-standing mistreatment of US beef exports," said Mr Brunner. "Our temporary agreement with the EU was meant to be an opportunity to build a bridge of trust between US beef producers and EU consumers, and to compensate the United States for the losses we have suffered as a result of the EU's hormone ban. The EU has violated the spirit of that agreement and caused US beef exports to become a minority interest in a quota meant to compensate US beef producers."

In 2009 the US and the EU signed a Memorandum of Understanding under which the EU agreed to create a new duty-free quota for imports of specially-produced beef to compensate the United States for losses arising from the EU's ban on the use of hormones in beef production. Imports under the quota have grown steadily since then, and for the past two years, the entire 45,000 metric ton quota has been filled, though from countries other than the US.

Over the past two years the US government has attempted, without success, to engage the European Commission in discussions about ways to rectify this situation.

"While this is not our preferred choice, retaliation is the only way cattle producers are going to secure our rights for the losses we have incurred over the years due to the EU's hormone ban," said Mr Brunner. "If the EU is unwilling to honor the terms of the agreement then we have no alternative but to seek restitution. We will not continue to be subjected to such trade agreement abuse."

While initially imports from the United States accounted for the majority of the business done under the quota, over time imports from Australia, Uruguay and Argentina increased rapidly, taking a greater share of the quota.

Neither Australia, Uruguay, nor Argentina was a party to the hormone dispute or the 2009 MOU that created the quota intended for the United States. The United States now has a minority and declining share of the quota, and imports so far this year point to a continuation of this trend

## **AUSTRALIA**

### **Exportadores optimistas sobre 2017**

TheCattleSite News Desk 04 January 2017 Australian livestock exporters are quietly optimistic about the coming 12 months, after seeing out a number of challenges for the trade in 2016.

Australian Livestock Exporters' Council chief executive officer Simon Westaway paid tribute to exporters for overcoming market hurdles across a number of supply chains over the course of the year. The comments coincide with the publication of Meat & Livestock Australia's latest edition of its LiveLink market update.

Looking ahead, Mr Westaway (pictured) said market consolidation and diversification would continue to be a high priority for livestock exporters in 2017, further strengthening business-to-business partnerships and working alongside government-to-government collaborations.

"With new supply chains for feeder-slaughter cattle in China gaining Exporter Supply Chain Assurance System (ESCAS) approval, we're hopeful of that highly anticipated trade commencing in the near future, which is set to add significant value to our industry and provide extra marketing options for cattle producers," he said.

"We're very much focused on opportunities for the live sheep trade too, especially the prospect of re-opening the market in Saudi Arabia. ALEC continues to work with the Federal Government and in collaboration with the Sheepmeat Council of Australia to pursue this important trade opportunity.

"We believe our existing Memorandum of Understanding with Saudi Arabia, or a slightly reformed version thereof, provides the best foundation on which these high priority efforts to re-open the market can be based. This also means that ESCAS will not be altered in any way."

Mr Westaway flagged items on the industry's animal welfare agenda, including participation in a government-led review of the Australian Standards for the Export of Livestock (ASEL) and ongoing dialogue with Australian Government Accredited Veterinarians (AAVs).

"These initiatives complement our industry's ongoing investment in research, training and infrastructure in-market, highlighting our commitment to reducing animal welfare risks in overseas supply chains," he said.

December's LiveLink confirmed total feeder and slaughter cattle exports are set to finish the 2016 calendar year below one million head, with 917,000 cattle exported up to the end of November across all markets.





Feeder and slaughter cattle exports to all markets increased again in November with 88,346 head shipped. A total of 67,000 head was shipped to Australia's biggest market, Indonesia, for the month as the trade recovered from recent market disruptions.

With a further 20,000 cattle expected to be shipped to Indonesia for December, the total Indonesia export figure for 2016 is on track to finish at 555,000 – a 10 per cent decline on 2015.

"High cattle prices have been a very welcome outcome for our partners in the production sector, but it has also impacted profitability in the supply chain and seriously compromised the affordability of Australian beef for consumers in countries like Indonesia," Mr Westaway said.

MLA reported that in wet markets around Jakarta, frozen Indian buffalo meat is selling at a significant but widely variable discount, at IDR 65,000-110,000/kg, while fresh beef has been stable, at IDR 100,000-120,000/kg.

Close to 4000 breeders were shipped to Indonesia in November, with recent shipments including the first consignment of breeding cattle as part of the Indonesia-Australia Commercial Cattle Breeding Program. The program will ultimately deliver a total of 2000 breeding heifers and 100 bulls from Australia, as part of the Indonesia-Australia Partnership on Food Security in the Red Meat and Cattle Sector.

Mr Westaway said it was in the interests of both countries to continue work to develop a more competitive, efficient and sustainable Australia-Indonesia red meat and cattle relation as part of a globally competitive commercial supply chain.

"The trade with Indonesia is underpinned in the long-term by our shared objectives around ongoing economic development and working cooperatively to build Indonesia's beef and cattle capacity," he said.

"It is a critical partnership built on long-term collaboration and strategic alignment, and the ongoing dialogue around the trade shows the relationship is well placed to navigate changes in market and policy settings.

"ALEC chairman Simon Crean has played a leading role in trade dialogue in recent weeks, which has galvanised our belief that the live trade to Indonesia has an economically sustainable and mutually beneficial future. With this in mind, Australian exporters are building even stronger business-to-business partnerships with stakeholders in the Indonesia."

Mr Westaway said animal welfare challenges in markets like Vietnam in the past 12 months had put the accountability in the live trade's supply chain on show to all stakeholders. He said exporters welcomed the release this week of the Department of Agriculture & Water Resources (DAWR) regulatory performance report, which reflected the strong commitment in improved animal welfare shared between exporters and DAWR, following evidence of cruel treatment of Australian cattle in Vietnam earlier this year. (Full statement here.)

"Our industry is committed to a transparent and accountable live trade within the regulatory framework of ESCAS, which is helping to uphold the world's best welfare, control and traceability standards," he said.

MLA's trade figures show that 203,967 cattle were exported to Vietnam in the 12 months up to November, representing a 40 per cent reduction on the previous 12-month period. However, a total of 41,327 head were exported from September to November, representing almost half of all feeder/slaughter cattle traded across the spring quarter.

### **Mejora posicionamiento en CHINA por vigencia del TLC**

TheCattleSite News Desk 06 January 2017 CHINA & AUSTRALIA - Up to 98.5 per cent of Chinese products exported to Australia will enjoy zero tariffs, after the two countries implemented the third round of tariff cuts on 1 January under a bilateral free trade agreement, the Ministry of Commerce said on Thursday.

Ministry spokesman Sun Jiwen said China's automobile parts, home appliances, steel and garment products and Australia's agricultural and dairy products such as mutton, beef, fruit, wine and cheese would be major beneficiaries of the deal.

"Even though the free trade deal only came into force in December 2015, it has had positive effect on bilateral trade," Mr Sun said.

Mr Sun added that the use of preferential tariffs would be an effective example to show to other trading partners, especially in the current global business environment.

The volume of bilateral trade amounted to 637.34 billion yuan (\$93 billion) between January and November in 2016, down 1 per cent on a year-on-year basis, data from the General Administration of Customs showed.

Hu Yingzhi, deputy negotiation commissioner at the ministry, said the FTA would help speed up negotiations on other FTAs, including China-Israel FTA and the Regional Comprehensive Economic Partnership this year.

Under the FTA, Australia will eventually reduce tariffs to zero on all goods from China, and China will remove tariffs on the vast majority of Australian goods.



The Australian government has also established a new mechanism to encourage Chinese companies to invest in the country. Investments from China below A\$1.07 billion (\$781 million) do not need to be examined by Australia's Foreign Investment Board.

"The China-Australia FTA came at a critical time when many economies took measures such as trade investigations on specific Chinese products or moving factories to Vietnam to compete with China," said He Jingtong, a professor of trade policy at Nankai University in Tianjin.

### **INDONESIA: OMC falló a favor de EE.UU. y NUEVA ZELANDIA**

WTO Rules in US's Favour Over Ag Exports to Indonesia

TheCattleSite News Desk 03 January 2017 US - United States Trade Representative Michael Froman announced shortly before Christmas that a World Trade Organisation (WTO) dispute settlement panel has found in favour of the United States' challenge to Indonesia's wide-ranging restrictions and prohibitions on horticultural products, animals, and animal products.

The United States, working closely with New Zealand as co-complainant, filed this dispute to address trade barriers in Indonesia that restrict the importation of American fruits and vegetables (such as apples, grapes, and potatoes), animal products (such as beef and poultry), and other agricultural products.

The WTO Panel agreed with the United States on 18 out of 18 claims that Indonesia is applying import restrictions and prohibitions that are inconsistent with WTO rules.

"The Obama Administration has again prevailed on behalf of US farmers, ranchers, and businesses," said Ambassador Froman.

"Today's panel report will help eliminate unjustified trade restrictions on American agricultural products, allowing US farmers and ranchers to sell their high-quality products to customers in Indonesia – the fourth-most populous country in the world."

"This is a slam dunk for American agriculture," said Agriculture Secretary Tom Vilsack. "Since 2012, Indonesia has maintained an untenable import licensing program, harming the ability of U.S. producers to sell a wide range of American-grown products in the Indonesian market – from potatoes to beef to grapes to oranges to poultry. Importantly, the WTO Panel findings will discourage Indonesia from simply substituting new trade-distorting approaches for the measures repealed, restoring American farmers' and ranchers' ability to compete."

WTO Decision Important for NZ Beef

TheCattleSite News Desk 23 December 2016 Trade Minister Todd McClay today welcomed the World Trade Organization's (WTO) decision upholding New Zealand's challenge to 18 agricultural non-tariff barriers imposed by Indonesia.

New Zealand and the United States jointly brought the case against Indonesia in 2013 over a range of barriers imposed on agricultural imports since 2011. These included import prohibitions, use and sale restrictions, restrictive licence terms and a domestic purchase requirement.

The barriers are estimated to have cumulatively cost the New Zealand beef sector alone between half a billion and a billion dollars. As recently as 2010, Indonesia was New Zealand's second-largest beef export market by volume, worth \$180 million a year.

"This is an important result for New Zealand's agricultural exporters – and for trade fairness," says Mr McClay.

"It is an example of the Government's proactive exercising of its rights under trade agreements to resolve non-tariff barriers on behalf of New Zealand industry.

"We are committed to pursuing a range of options for addressing trade barriers that affect New Zealand exporters, including WTO dispute settlement as a last resort.

"As a result of this process, we have already seen some improvements to Indonesia's regulations and gains for New Zealand exporters to Indonesia. These will only improve following implementation of the WTO decision."

He says New Zealand continues to have a very strong relationship with Indonesia.

"The highly professional and constructive manner in which all parties conducted themselves throughout this case is testament to the resilience of the relationship. We enjoy regular high level political engagement.

"I visited Indonesia twice this year and have held a further meeting with my counterpart Minister Lukita.

"We enjoy close cooperation in a range of areas of mutual interest and we see no reason why the WTO decision would diminish the strength of our ties.

"Even close friends have occasional disagreements and the WTO helps insulate trade policy differences from wider bilateral relations," says Mr McClay.

While the Panel has found firmly in New Zealand's favour, Indonesia can appeal the decision to the WTO's Appellate Body.



## **EMPRESARIAS**

### **Minerva investirá em ARGENTINA**

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 06/01/17

O conselho de administração da Minerva Foods aprovou a aquisição de uma sociedade não operacional na Argentina, em mais um indicativo do interesse da empresa brasileira comprar frigoríficos no país vizinho.

A ata da reunião do conselho de administração da companhia, que aconteceu na semana passada (27 de dezembro), foi enviada ontem à Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Conforme o documento, a sociedade não operacional será a subsidiária da Minerva e o veículo de investimentos da companhia na Argentina. Além de produzir carne bovina no Brasil, a Minerva atualmente tem operações no Paraguai, no Uruguai e na Colômbia.

Um ano após aporte de sócio árabe, Minerva busca ativos na Argentina

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 5/01/17

Um ano após firmar sociedade com o fundo da Arábia Saudita, o Saudi Agricultural and Livestock Investment (Salic), que fez um aporte de R\$ 746 milhões por 20% do capital do grupo, o frigorífico Minerva planeja expandir seus negócios para a América do Sul. Com unidades no Paraguai, Uruguai e Colômbia, o próximo passo dos controladores da companhia será entrar no mercado argentino – considerado estratégico para expansão do grupo na região.

A companhia está avaliando ativos no país vizinho para se consolidar na América do Sul. Fernando Queiroz, presidente do frigorífico, diz que a Argentina é um mercado importante no qual o Minerva pretende estar nos próximos meses. Queiroz não quis detalhar, contudo, se há negociações em andamento.

Há, neste momento, conversas em curso entre o Minerva e o sócio Salic para a criação de uma joint venture para atuar no Oriente Médio. Essa nova companhia passaria a importar produtos industrializados – não apenas carne bovina – para vender na região. A joint venture está em fase de implementação e deve demorar ainda seis meses para ser estruturada.

Aos poucos, o frigorífico brasileiro também quer deixar de ser uma empresa só com o foco industrial para ter uma atuação mais comercial. Para isso, o grupo comprou duas tradings pequenas – uma na Austrália e outra no Uruguai – para negociar carne de terceiros.

Ao contrário dos grandes concorrentes, como JBS e Marfrig, o Minerva não tem o BNDES como sócio e teve um processo de expansão mais conservador.

Em maio passado, o Minerva comprou, por R\$ 205 milhões, a Frisa Frigorífico Rio Doce, que atua no Espírito Santo e na Bahia, onde o frigorífico não tinha presença. Segundo Queiroz, a aquisição desses ativos foi estratégica, uma vez que têm habilitação sanitária para exportar carne para importantes mercados.

### **Marfrig cerró establecimiento en RGS (Brasil)**

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 04/01/17 Decidida a suspender definitivamente as atividades da fábrica localizada em Alegrete, no oeste do Rio Grande do Sul, a Marfrig manteve as portas da unidade fechadas nesta terça-feira, 3, dia em que os funcionários voltariam de férias coletivas.

Como uma decisão judicial proibiu a empresa de demitir os 648 trabalhadores até que se chegue a um acordo com o sindicato da categoria, a solução encontrada foi mantê-los em casa, em licença remunerada.

A Marfrig informou na metade de dezembro que fecharia a unidade de Alegrete, alegando baixa oferta de gado na região. A intenção inicial era efetivar os desligamentos no início de 2017, assim que os funcionários retornassem das férias.

Só que no último dia 28 uma decisão da Justiça do Trabalho suspendeu a demissão em massa. A liminar impede que a companhia rescinda os contratos antes que haja uma negociação com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Alegrete (STIAA). A multa prevista em caso de descumprimento é de R\$ 100 milhões.

Na nota, a Marfrig diz também que se mantém aberta para negociação coletiva com a categoria. A primeira audiência de conciliação ainda não foi marcada. O sindicato não nutre esperanças de reverter a decisão da Marfrig e, por isso, centrará esforços na tentativa de garantir uma compensação aos trabalhadores além da rescisão contratual. A ideia é pleitear o pagamento de plano de saúde e outros benefícios por pelo menos seis meses.

Em conjunto com o governo estadual, os sindicatos esperam que outra empresa possa assumir a operação em Alegrete, já que o espaço do frigorífico não é de propriedade da Marfrig. Com capacidade



para abater 700 cabeças de gado por dia, a planta é um dos principais empregadores da região e gera R\$ 4 milhões por ano em arrecadação de ICMS.

### **Nuevo frigorífico de JBS en Paraguay quedó habilitado para exportar carne vacuna a Rusia**

05/01/2017 - Rusia es el segundo destino para las exportaciones de carne bovina.

La Nación – Paraguay | El Servicio Federal de Vigilancia Sanitaria y Fitosanitaria de Rusia habilitó al nuevo frigorífico de JBS Paraguay, ubicado en la ciudad de Belén, Concepción, como proveedor de carne bovina y despojos cárnicos de su mercado.

Esta planta, que inició sus operaciones en octubre del 2016, se convierte así en la decimoctava empresa cárnica habilitada actualmente para exportar carne al país euroasiático.

Las plantas que tienen luz verde son Neuland (Villa Hayes), Neuland (Mariano Roque Alonso), Digna, Concepción (planta de Mariano Roque Alonso), Concepción (planta de Concepción), Concepción (Asunción), Frigochorti, Frigomerc, Frigochaco, Guaraní, MUSSA, Frigorífico Norte, FRISA, IPFSA, JBS Paraguay Frigorífico Belén, Nav & Com, Prime y UPISA, de acuerdo a los datos del servicio veterinario ruso.

Estadísticas. Entre enero y noviembre del 2016 Rusia fue el segundo mayor comprador de carne bovina paraguaya y el principal importador de menudencias vacunas, según el informe del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa).

En este período de tiempo se embarcaron al mercado ruso 59.352 toneladas de carne bovina por un valor de US\$ 175,9 millones y unas 12.497 toneladas de menudencias vacunas por un valor de US\$ 19,6 millones.

La planta. JBS Paraguay Frigorífico Belén es considerado uno de los más modernos de toda América y demandó una inversión de US\$ 60 millones. Es una planta con una capacidad de faena de unos 1.200 bovinos al día.

La empresa genera mano de obra para unas 5.000 personas de forma directa e indirecta y se estima que inyectará unos US\$ 2 millones mensuales a la zona norte del país, informaron directivos de la firma.

JBS actualmente cuenta con tres plantas cárnicas en el Paraguay: Frigorífico Belén, IPFSA y FRISA.